

Sobre a importância de fazer perguntas incômodas

On the importance of asking uncomfortable questions

Alexandre Dittrich¹

[1] Universidade Federal do Paraná | **Título abreviado:** Sobre a importância de fazer perguntas incômodas | **Endereço para correspondência:** Universidade Federal do Paraná - Departamento de Psicologia - Praça Santos Andrade, 50 - Centro - Curitiba/PR - CEP 80020-300 | **Email:** aledittrich@ufpr.br | **doi:** org/10.18761.JADA0330005

Resumo: Neste ensaio, apresento sinteticamente dois artigos complementares publicados pelo professor José Antônio Damásio Abib em 1993: (1) “A Psicologia é ciência? O que é ciência?”; (2) “A Psicologia é ciência? Ciência é articulação de discursos da filosofia, da história da ciência e da Psicologia”. Aponto porque os argumentos presentes nesses artigos foram importantes para minha formação como behaviorista radical e analista do comportamento – e, por extensão, porque podem ser importantes para a formação de outras pessoas. Abib evidencia que as respostas a perguntas complexas, como aquelas que aparecem nos títulos dos artigos, exigem a conjugação de esforços de várias disciplinas, tanto filosóficas quanto científicas. Com isso, contrapõe-se ao conformismo das respostas imediatas, simples e fixas, levando-nos a ampliar e aprofundar o debate. A insistência no questionamento, na dúvida, no ceticismo e na investigação caracterizam a obra do professor Abib, e servem de exemplo à nossa comunidade.

Palavras-chave: Abib, José Antônio Damásio, filosofia, ciência.

Abstract: In this essay, I briefly present two complementary articles published by Professor José Antônio Damásio Abib in 1993: (1) “‘Is Psychology science?’ What is science?”; (2) “‘Is Psychology science?’ Science is a composite discourse of philosophy, history of science and Psychology”. I point out why the arguments presented in these articles were important for my formation as a radical behaviorist and behavior analyst – and, by extension, why they may be important for the formation of other people. Abib shows that the answers to complex questions, such as those that appear in the titles of his articles, require the combined efforts of several disciplines, both philosophical and scientific. In doing this, he opposes the conformism of immediate, simple and fixed answers, leading us to broaden and deepen the debate. The insistence on questioning and doubting, on skepticism and investigation, characterize Professor Abib’s work, and serve as an example to our community.

Keywords: Abib, José Antônio Damásio, philosophy, science.

Quando recebi o convite para colaborar com esta seção especial em homenagem ao professor Abib, soube imediatamente sobre quais artigos escreveria. Digo “artigos”, no plural, porque são dois – intitulados (1) “A Psicologia é ciência? O que é ciência?” e (2) “A Psicologia é ciência? Ciência é articulação de discursos da filosofia, da história da ciência e da Psicologia”. Eles foram publicados juntos, em sequência, no mesmo volume e número da revista *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (Abib, 1993a, 1993b).

Até o momento em que escrevo, os artigos não estão disponíveis no site da revista. Tenho-os à minha frente em papel, grampeados juntos. É a mesma cópia que fiz, em algum momento da minha graduação em Psicologia, na biblioteca da Universidade Regional de Blumenau. Era a última metade dos anos 1990 – uma época em que ainda era necessário ir às bibliotecas para ler livros e periódicos.

Há para mim muito de valor afetivo nessas folhas amareladas pelo tempo. Um jovem e empolgado graduando deixou nelas suas marcas. Estudei os artigos com afinco, buscando entender tudo. Marquei, sublinhei e comentei cada página com diferentes canetas, lapiseiras e hidrográficas – o texto ficou multicolorido. Nas laterais, fiz sínteses e reflexões; anotei o significado de palavras que hoje me parecem comuns, mas que na época eu não compreenderia sem o auxílio de um dicionário. Volto agora às mesmas páginas, quase três décadas depois, e acrescento ainda algumas anotações, talvez um pouco mais maduras.

Esses textos me levaram a buscar a orientação do professor Abib no programa de pós-graduação do Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Junto a alguns outros, eles foram também responsáveis pela minha decisão de adotar o behaviorismo radical e a análise do comportamento como fundamentos para a minha atuação profissional.

Apresento aqui um ensaio, no qual inicialmente sintetizo os argumentos apresentados nos dois artigos. Na sequência, aponto porque tais argumentos foram importantes para mim – e, por extensão, porque podem ser importantes para outras

pessoas.¹ Em alguns momentos, tomo a liberdade de fazer comentários de ordem pessoal, a fim de contextualizar meu contato com os textos.

Adianto-me a apontar que minha síntese e comentários sobre os artigos de modo algum substituam sua leitura direta, a qual recomendo vivamente. (Talvez você precise ir a uma biblioteca para isso, o que certamente será um benefício adicional.)

* * *

Durante uma conversa que tive com o professor Abib enquanto seu orientando de pós-graduação na UFSCar, comentei com ele sobre a importância desses artigos para minha formação e para a definição do meu caminho teórico. Ele então me contou ter enviado o texto como um único manuscrito para a revista. Aparentemente por conta do tamanho do texto, houve uma sugestão da editoria para que ele fosse dividido em dois artigos – e assim foi. Mesmo antes de saber disso, eu sempre os chamei de artigos “gêmeos”. Há uma clara relação de complementação entre eles.²

O artigo (1) apresenta, já em seu título, um procedimento tipicamente filosófico, que a nem todos agrada: responder a uma pergunta (“A Psicologia é ciência?”) com outra pergunta (“O que é ciência?”). O procedimento é “tipicamente filosófico”, primeiramente, porque é da natureza da Filosofia examinar conceitos. Ao fazer isso, invariavelmente a Filosofia revela que um mesmo conceito pode ter múltiplos significados – ou, para usar um jargão analítico-comportamental, que uma mesma resposta verbal pode estar sob controle de diferentes variáveis. Conforme aponta Abib, para responder à primeira pergunta precisamos antes fazer a segunda. Na ausência disso, qualquer resposta à primeira será ingênua ou dogmática.

1 Com poucas exceções, omiti deliberadamente referências a obras e autores específicos mencionados nos artigos, a fim de facilitar a exposição.

2 A fim de evitar uma repetição excessiva do sobrenome do autor e do ano de publicação, citarei apenas as páginas dos artigos (1) (Abib, 1993a) e (2) (Abib, 1993b) quando necessário.

Ocorre que há muitas respostas possíveis para a pergunta “o que é ciência?”. O exame do problema, via de regra, se dá no âmbito da filosofia da ciência. Ele exige, portanto, o recurso à própria história da filosofia da ciência – mais especificamente, à história da epistemologia da ciência. Nesta, encontramos desde a Antiguidade uma miríade de propostas sobre como definir o “conhecer” e o “conhecer cientificamente”. Essas propostas estabelecem relações variadas entre si (de crítica, oposição, complementação, reinterpretação, etc.), que vão tecendo gradativamente a complexa trama histórica da epistemologia da ciência.

Especificamente na Psicologia, além disso, as opções epistemológicas guardam relações muito próximas com as ditas ontológicas – pois há que se definir não apenas como conhecer algo, mas o que é este “algo” que há para ser conhecido. Assim, “a epistemologia e a ontologia interligam-se com dupla direcionalidade; isto é, transita-se não só de posições epistemológicas-metodológicas para posições ontológicas; o caminho inverso também é viável” (p. 458).

Dada a necessidade de certos pressupostos epistemológicos e ontológicos para produzir conhecimento científico, quer estejam explícitos ou não, conclui-se que “a ciência é também filosofia, um projeto científico é também um projeto filosófico” (p. 459). Se a ciência é um discurso de primeira ordem sobre seu objeto de investigação, a filosofia da ciência é um discurso de segunda ordem, na medida em que toma como objeto o próprio discurso científico – buscando, entre outras coisas, esclarecer e discutir seus pressupostos epistemológicos e ontológicos. O exame do desenvolvimento histórico da filosofia da ciência revela que “não há uma definição única de ciência que forneça um critério único de demarcação científica . . . o que existe são várias definições de ciência, bem como múltiplos critérios de demarcação científica” (pp. 460-461). A discussão sobre tais critérios envolve, de modo importante, o posicionamento sobre as diferenças e sobreposições entre conhecimento, ciência e senso comum.

Não há, portanto, como responder à pergunta “o que é ciência?” sem preliminarmente fazer recurso à filosofia da ciência. Contudo, é preciso notar que não é apenas a Filosofia que toma a ciência

como objeto de estudo. Outras disciplinas também o fazem – e Abib, em seu artigo (2), destaca as importantes contribuições da História e da Psicologia nesta seara.

Assim como não há acordo sobre os critérios de definição e demarcação da ciência na filosofia da ciência, tampouco os há na história da ciência. As diferentes propostas historiográficas dirigidas às várias ciências produzem compreensões muito diversas sobre como elas são construídas. Há, por exemplo, uma tradição historiográfica que retrata a ciência como um procedimento lógico-racional, que estabeleceria uma descontinuidade em relação aos conceitos do senso comum; à qual se contrapõe uma tradição historiográfica que retrata a ciência como um empreendimento integralmente atravessado por elementos “irracionais”, que via de regra passam despercebidos pelos cientistas – incluindo “valores, ideologias e visões de mundo” (p. 469).

Abib nota, além disso, que cada uma dessas historiografias adota, de modo mais ou menos explícito, seus próprios pressupostos epistemológicos sobre o fazer histórico. Há formas variadas de produzir a história e de compreender esta produção. No centro desse debate está a seguinte questão: é possível aos historiadores contar “o que efetivamente ocorreu” ou a história é necessariamente uma “história do historiador” - uma reconstrução atravessada pelas múltiplas variáveis que determinam as escolhas historiográficas?

Por fim, as tradições historiográficas sobre a ciência também diferem na forma como concebem suas relações com a filosofia da ciência. Se há, por exemplo, uma tradição historiográfica para a qual “a filosofia da ciência e a epistemologia da ciência têm primazia para orientar e instruir a história da ciência” (p. 468), há também uma tradição para a qual “é perfeitamente legítimo que a história da ciência faça comentário sobre a legitimidade dos critérios utilizados pela filosofia e epistemologia da ciência na reconstrução da história da ciência” (p. 470). Neste último caso, a história da ciência teria a pretensão de instruir a própria filosofia e epistemologia da ciência.

Essa aspiração “instrutiva” repete-se em algumas propostas de natureza psicológica – das quais Abib destaca a epistemologia genética de Piaget e o behaviorismo radical de Skinner. A despeito de

suas diferenças, ambas são “epistemologias da ciência que priorizam a psicologia como disciplina para orientar e instruir o discurso sobre a ciência” (pp. 471-472). Embora sejam propostas epistemológicas, as duas dialogam constantemente com os resultados das próprias investigações científicas que sustentam. Deste modo, se na obra de Piaget “a epistemologia genética fundamenta-se na psicologia genética da ação” (p. 476), na obra de Skinner “o behaviorismo radical . . . funda-se numa teoria original do comportamento ou da ação” (p. 483). Nos dois casos, temos propostas epistemológicas que dialogam com “psicologias da *ação* ou do comportamento” (p. 473).

Embora possa parecer paradoxal que “um discurso que se apresenta como ciência – o discurso psicológico – possa instruir o discurso da epistemologia da ciência, que visa, precisamente, esclarecer a natureza da ciência” (p. 466), Abib aponta que, para Piaget e Skinner, este é um desdobramento natural: se “conhecer” é ação ou comportamento, e se “conhecer” é a tarefa central das ciências, as categorias conceituais psicológicas podem, com todo o direito, explicar também o conhecer científico, pois este é parte do conhecer humano.³ Além disso, não se trata de estabelecer uma completa independência do saber psicológico em relação à reflexão filosófica, dado que “não há como negar a penetração da filosofia nas disciplinas que escapam ao seu domínio e que fundamentam reflexões sobre a natureza da ciência” (p. 482).

De tudo isso, o que se conclui? Começamos com uma pergunta inescapável para qualquer profissional ou estudante de Psicologia: seria ela uma ciência? Um exame cuidadoso da pergunta mostra que não há uma resposta simples e consensual. Para além de haver muitas psicologias, há várias possibilidades de caracterizar o que é ciência – e o exame dessas possibilidades exige, pelo menos, o recurso à filosofia da ciência, à história da ciência e ao que bem podemos chamar de “psicologia da

ciência”.⁴ Embora a complexidade da tarefa possa parecer intimidante, Abib celebra o fato de que propostas psicológicas, como as de Piaget e Skinner, possam “ampliar e aprofundar o debate” (p. 484) sobre a caracterização da ciência. Talvez de especial importância para analistas do comportamento, Abib aponta, por fim, que a despeito de sua importante contribuição a este debate, a Psicologia não deve “dogmatizar seus próprios discursos sobre a ciência, avessa a qualquer ceticismo quanto a sua própria cientificidade; argumentando, por exemplo, que se ela fundamenta discursos legítimos sobre a ciência, então estaria imune ao exame de sua própria cientificidade” (p. 484).

Ao invés de oferecer uma resposta imediata, simples e fixa sobre a questão relativa à cientificidade da Psicologia, Abib mapeia o território intelectual no qual as tentativas de respondê-la devem se dar.

* * *

Foi bastante tarde em minha graduação que fui ensinado sobre os rudimentos da ciência, e que me foi sugerido que a Psicologia poderia (ou deveria) ser uma ciência. A partir de então, compreender o que era (ou não) ciência, e como as várias psicologias buscavam (ou não) ser científicas, tornou-se para mim quase uma obsessão. Minha porta de entrada para a paixão pela Psicologia, posso afirmar com segurança, foi a epistemologia. Isso teve várias funções importantes na minha formação como psicólogo, mas talvez a principal delas tenha sido ajudar a organizar uma profusão de afirmações que me eram apresentadas nas diferentes disciplinas, e que até então eu recebia indistintamente como fazendo parte de uma grande e unificada “Psicologia”. Pude então perceber que a Psicologia, para usar a pertinente metáfora de Figueiredo (1992), era não um continente, mas sim um arquipélago, composto por “micro-comunidades relativamente independentes, cada qual com suas crenças, seus métodos, seus objetivos, seus estilos, suas linguagens e suas histórias particulares” (p. 16).

3 Acompanhar a explanação de Abib (1993b) sobre as propostas filosóficas e teóricas de Piaget e Skinner em relação ao conhecimento científico por si só justifica a leitura do artigo.

4 O “pelo menos” nesta frase aponta para o fato de que tais disciplinas não esgotam as possibilidades de caracterização da ciência. Abib (1993b) cita, por exemplo, a sociologia da ciência como uma disciplina adicional.

Transitei por várias das ilhas que compõem esse arquipélago, me demorando mais em algumas, distinguindo e apreciando seus atributos, até enfim aportar na análise do comportamento. Uma das características da análise do comportamento que me atraiu desde então foi uma súbita e extasiante ampliação de escopo: se tudo é comportamento, tudo o que diz respeito ao comportamento passa a ser interessante. Isso inclui o comportamento de cientistas, e Abib (1993b) mostrava isso claramente com os exemplos da epistemologia genética e do behaviorismo radical.

Como tantos jovens aprendizes, ao me perguntar se “a Psicologia é ciência” eu imaginava que alguma resposta deveria haver. Descobri que há muitas, e que – como mostram os artigos de Abib – elas dependem de respostas preliminares a outras tantas perguntas. O caminho seria longo. Me pareceu tranquilizador, porém, que fosse possível começar a abordar essas perguntas a partir de uma fundamentação filosófica (behaviorismo radical) e teórica (análise do comportamento) sólida. Os artigos “gêmeos” de Abib foram fundamentais para que eu compreendesse a natureza complementar da filosofia e da ciência neste amplo projeto. Filosofia e Psicologia poderiam dialogar e se instruir mutuamente. Ambas são, afinal, comportamento humano.

* * *

Minha experiência como professor (e também como aluno) sugere que o apelo inicial da análise do comportamento para os estudantes que se interessam por ela está majoritariamente ligado a certas características que tendemos a associar às ciências naturais: experimentação, objetividade, precisão e economia conceitual. A possibilidade de interpretar os fenômenos psicológicos e intervir sobre eles com fundamentação científica consistente oferece aos estudantes um porto seguro em meio a um turbulento mar de conceitos e teorias que frequentemente parecem vagos, obscuros e pouco práticos. A postura antimentalista do behaviorismo radical também colabora para isso: diante da quantidade aparentemente inesgotável de termos utilizados pelas várias psicologias para designar os processos ditos mentais, ela ajuda a “limpar o terreno”, unificando sob um mesmo modelo analítico o que antes

parecia disperso e desconexo. Rompe-se uma barreira artificial que várias psicologias insistem em erigir entre os fenômenos psicológicos/mentais e os comportamentais.

Ao mesmo tempo, é comum que surja entre os estudantes de Psicologia que se identificam com certa proposta teórica uma postura defensiva, que se traduz como uma necessidade de negar que haja qualquer problema ou limitação na teoria que adotam e, simultaneamente, de apontar com veemência os problemas e limitações de outras teorias. Me parece ser uma reação quase natural à dispersão epistemológica do território psicológico e à própria complexidade dos métodos e teorias. Eventualmente, essa postura persiste durante a vida profissional. Um dos perigos dela, como aponta Figueiredo (1992), é o dogmatismo: “o psicólogo em formação ou já formado tranca-se dentro de suas crenças e ensurdece para tudo que possa contestá-las” (p. 17).⁵

* * *

Onde aparentemente há estabilidade e segurança, cabe à Filosofia fazer perguntas incômodas. Abib foi possivelmente o primeiro autor brasileiro a realizar uma leitura propriamente filosófica da tradição psicológica representada pelo behaviorismo radical e pela análise do comportamento. Foi o primeiro a fazer perguntas incômodas.

Mesmo que busquemos respostas a essas perguntas no texto de Skinner – como é natural que behavioristas radicais façam – elas serão sempre mais complexas do que aparentam ser. A obra de Skinner não é um conjunto monolítico de fatos, regras e pressupostos que devem orientar analistas do comportamento como um cânone intocável. Como qualquer obra, ela é passível de interpretação e de crítica. Filosofia e ciência são o próprio campo da dúvida e do ceticismo. Uma filosofia e uma ciência que estejam demasiadamente seguras de si mesmas correm os riscos da estagnação e do isolamento.

5 Figueiredo (1992) aponta o ecletismo como um perigo oposto: nele, o psicólogo(a) ou estudante “adota indiscriminadamente todas as crenças, métodos, técnicas e instrumentos disponíveis de acordo com a sua compreensão do que lhe parece necessário para enfrentar unificadamente os desafios da prática” (p. 17).

Não devemos voltar a Skinner para preservar um passado seguro, mas para nos desafiar e abrir portas para o futuro. Neste sentido, os textos de Abib são modelares. Neles, a filosofia e a ciência propostas por Skinner ganham nova vida e avançam sobre novos horizontes.

Ainda outra contribuição relevante dos textos de Abib – incluindo, mas não se limitando, aos dois que destaco aqui – é evidenciar que as respostas que um behaviorista radical possa dar a perguntas filosóficas precisam ser confrontadas com outras respostas, oferecidas por outras tradições teóricas, dentro e fora da Psicologia. Recupero aqui algumas palavras que escrevi em outro momento, e que talvez expressem a importância dessa contribuição:

A crítica entre teorias é relevante e necessária, e sua promoção pode mesmo ser considerada uma missão da academia. Dado que o avanço científico e intelectual não apenas admite, mas requer contradições, é preciso aprender a conviver com elas, sabendo que isso trará “algum grau de desconforto” (Laurenti, Lopes, & Araujo, 2016, p. 11). . . . Um passo talvez importante nesse sentido é notar que não há uma contraposição necessária entre crítica e colaboração em discussões acadêmicas. Uma crítica bem fundamentada a um certo “ismo” é uma das melhores contribuições a ele. (Dittrich, 2019, pp. 517-518)

Os textos de Abib que comento aqui evidenciam que, quando fazemos “perguntas incômodas” sob uma perspectiva filosófica, outras tantas perguntas inevitavelmente surgirão. Mas em seus artigos Abib não se restringe ao “território seguro” do behaviorismo radical e da análise do comportamento ao procurar eventuais respostas; pelo contrário, faz questão de “ampliar” e “aprofundar” os debates (para usar verbos do próprio autor), estabelecendo interlocuções provocativas com outras tradições de investigação. Seguindo seu exemplo, nossa comunidade deve buscar ativamente estabelecer diálogos produtivos com outras tradições teóricas, quer suas respostas para as “perguntas incômodas” se aproximem ou divirjam das nossas.

Respostas imediatas, simples e fixas para perguntas complexas são tentadoras, sobretudo porque

poupam os diversos custos envolvidos na discussão de potenciais alternativas. Mas elas são características do senso comum, não da filosofia e da ciência. Na formação de analistas do comportamento, é importante que criemos condições para que os estudantes avancem para além daquela fase inicial na qual tudo parece estável e seguro, pois garantido pela solidez da ciência. Não se trata, por óbvio, de negar o caráter científico da análise do comportamento, mas de evitar que nossa comunidade venha a “dogmatizar seus próprios discursos sobre a ciência, avessa a qualquer ceticismo quanto a sua própria cientificidade” (Abib, 1993b, p. 484). Vale o mesmo espírito cético para perguntas de natureza ética: estamos seguros de estar fazendo o *melhor* para a sociedade que servimos – ou mesmo de estar fazendo o *bem*? Qual o nosso papel, enquanto cientistas, em uma sociedade como a brasileira, atravessada por notórias desigualdades e injustiças?⁶

Conviver com perguntas incômodas, mesmo que nossas respostas a elas sejam eternamente provisórias, é melhor do que fingir que as perguntas não existem, que não têm importância ou que admitem respostas imediatas, simples e fixas. O próprio behaviorismo radical permite constituir uma compreensão avançada do fazer científico, que põe em xeque concepções tradicionalmente associadas a ele: verdade como representação, neutralidade científica, separação entre ciência e valores. Uma análise radicalmente comportamental contesta tais conceitos, e mostra a ciência como empreendimento humano e imperfeito, integralmente atravessado por variáveis históricas e culturais.

* * *

No âmbito das “guerras culturais” que têm caracterizado as discussões públicas ao redor do mundo e também em nosso país, uma tendência que tem se popularizado, defendida inclusive por líderes políticos, é uma desconfiança em relação à ciência e à intelectualidade. Os “especialistas” são tidos como pessoas arrogantes, que buscam forçar a população a aceitar verdades que esta recusa.

6 Também no campo da ética, Abib (2002, 2008, 2010) deu contribuições relevantes.

Há muitas variáveis que explicam esse estado de coisas, mas talvez uma das formas de melhorar a imagem pública da filosofia e da ciência seja evidenciar que sua disposição para fazer perguntas é tão importante quanto as eventuais respostas. O que caracteriza tanto a filosofia quanto a ciência não é – ou não deveria ser – a defesa intransigente de afirmações, teorias ou doutrinas, mas uma insistência no questionamento, na dúvida, no ceticismo, na investigação e no debate “amplo e profundo” de suas propostas. A comunidade que se identifica com o behaviorismo radical e a análise do comportamento tem na obra do professor Abib um exemplo valioso dessa postura.

Referências

- Abib, J. A. D. (1993a). “A psicologia é ciência?” O que é ciência? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9(3), 451-464.
- Abib, J. A. D. (1993b). “A psicologia é ciência?” Ciência é articulação de discursos da filosofia, da história da ciência e da psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9(3), 465-486.
- Abib, J. A. D. (2002). Ética de Skinner e metaética. In H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz (Eds.), *Sobre comportamento e cognição: Vol. 10. Contribuições para a construção da teoria do comportamento* (pp. 125-137). ESETEC.
- Abib, J. A. D. (2008). Ensaio sobre desenvolvimento humano na pós-modernidade. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 417-427. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000300002>
- Abib, J. A. D. (2010). Sensibilidade, felicidade e cultura. *Temas em Psicologia*, 18(2), 283-293. <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751436004.pdf>
- Dittrich, A. (2019). A que servem os “ismos” em debates acadêmicos e científicos? *Acta Comportamental*, 27(4), 511-522. <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/72029>
- Figueiredo, L. C. (1992). Convergências e divergências: A questão das correntes de pensamento em psicologia. *Trans-in-formação*, 4(1,2,3), 15-26. <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/1651/1622>
- Laurenti, C., Lopes, C. E., & Araujo, S. F. (2016). Introdução: A necessidade da pesquisa teórica em psicologia. In C. Laurenti, C. E. Lopes, & S. F. Araujo (Eds.), *Pesquisa teórica em psicologia: Aspectos filosóficos e metodológicos* (pp. 7-13). Hogrefe CETEPP.

Histórico do Artigo

Data do Convite: 10/08/2022

Recebido em: 06/12/2022